

Ricardo Pais no TNSJ

Aventuras cénicas

Paulo Eduardo Carvalho

Cumpridos dez números de *Sinais de cena*, este portefólio regressa ao seu primeiro colaborador, João Tuna, mas por via, agora, de uma outra perspectiva e enfoque: documentar, ainda que de forma necessariamente breve, o conjunto de criações de Ricardo Pais para o Teatro Nacional S. João (TNSJ), realizadas entre 1996 e 2000 e 2003 e 2008, isto é, o período de quase doze anos durante os quais o encenador foi também director artístico daquele Teatro. Trata-se, por um lado, de assinalar uma experiência invulgarmente prolongada e conseqüente no contexto tendencialmente mais precário e efémero do teatro português e, por outro, de uma justa homenagem a um corpo de trabalho atravessado por uma invulgar ambição de conciliar a visão mais desabridamente pessoal com a generosidade comunicativa (e responsável) que se pode esperar de um Teatro Nacional.

A felicidade rara do projecto criativo que Ricardo Pais levou a cabo no TNSJ assentou justamente nessa convicção, de resultados artísticos necessariamente variáveis, de um posicionamento fortemente pessoal e autoral como condição para o desenvolvimento conseqüente de um labor capaz de afirmar a arte relacional que é o teatro num contexto de reconhecida autonomia e independência, repetidamente aberto a insuspeitos diálogos e articulações. Tal formulação deveria permitir ultrapassar a conotação "institucional" que tantas vezes surge associada a trabalhos realizados no contexto de uma estrutura como um Teatro Nacional, justamente porque aquilo que o conjunto de criações aqui representadas ilustra é a aplicação coerente de uma ética que passou sempre por um investimento desmedido na exploração das múltiplas e variadas linguagens da cena.

Celebrar este percurso e esta experiência é, assim, também homenagear e dar a ver – ou simplesmente vislumbrar – uma extraordinária variedade de outros criadores talentosos e técnicos competentes, com cuja colaboração Ricardo Pais contou na realização destes trabalhos, entre dramaturgos, tradutores, actores, bailarinos, cantores, cenógrafos, figurinistas, desenhadores de luz, criadores de vídeo, músicos, compositores, sonoplastas e desenhadores de som, professores de voz, de esgrima, de movimento, enfim, um sem número de figuras cuja enumeração exaustiva ultrapassaria o espaço disponível para este breve texto de apresentação. Recordam-se aqui espectáculos que, num sentido muito particular, deram corpos novos, ou mesmo inéditos, a textos – dramáticos e outros –, mas também aventuras cénicas nas quais predominavam ora a voz, ora a música, assumidas obsessões do criador.

O que talvez mais importa sublinhar, e que se espera que estas imagens sejam capazes de evocar, é uma prática do teatro entendido como uma experiência simultaneamente sensorial, emotiva e intelectual, linha condutora de um percurso assente num entendimento polimórfico das práticas cénicas, à revelia de muitas, e mais instaladas, convenções e expectativas. É esse facto que melhor explica a multiplicação de referências e universos, bem como a ampliação constante da rede de estímulos e memórias culturais, para lá das que mais tradicionalmente se associam à criação teatral. Cada um destes espectáculos foi, à sua maneira, o resultado de variadas tensões, ora entre uma visão de extrema coerência formal e uma pulsão libertadora, aberta ao imprevisível e surrealizante, ora entre uma invulgar sedução pela matéria

verbal e uma não menos intensa paixão pelo poder expressivo da imagem organizada. Cada um destes espectáculos corresponde, assim, a uma aventura, no sentido mais nobre e fundo do termo, com tudo o que tal sugestão possa encerrar de preparação antecipada, mas também de risco e ousadia na exploração de novos territórios ou de formas distintas de os partilhar, multiplicando sentidos e sensações, desafiando expectativas e ampliando o nosso comum repertório imaginativo.

A fotografia de teatro – tal como as anteriores dez edições do portefólio da *Sinais de cena* amplamente demonstram – vive deste paradoxo cruel entre a inevitabilidade de segmentar e congelar uma situação de representação – que é, por condição, dinâmica – e a

capacidade rara de evocar, quando não mesmo dar a ver de novo, ou pela primeira vez, experiências que de outro modo ficariam para sempre perdidas no tempo ou refugiadas na memória. Que as imagens incluídas neste portefólio sejam todas elas da responsabilidade do fotógrafo João Tuna configura uma outra invulgar experiência de continuidade e de investimento artístico que também muito nos apraz reconhecer e aplaudir. E muito embora as escolhas e as opções para este portefólio lhe tenham sido completamente alheias, esta selecção pretende também ser uma homenagem ao seu trabalho e à sua capacidade de conciliar o imperativo documental com um olhar necessariamente criativo.

Legendas

1 > *A tragicomédia de Dom Duardos*, de Gil Vicente, 1996 (Né Barros).

2 > *A tragicomédia de Dom Duardos*, de Gil Vicente, 1996

(Filipe Silva e Ricardo Pais), ensaio.

3 | 4 > *A Salvação de Veneza*, de Thomas Otway, 1997

(3 > João Pedro Vaz, Carlos Rêgo e Sousa, Nuno M. Cardoso, Pedro Feijó Cunha e Jorge Vasques;

4 > João Reis, Marcantonio Del-Carlo e Micaela Cardoso).

5 > *Raízes Rurais, Paixões Urbanas*, 1997 (Adufeiras de Monsanto).

6 > *Linha curva, Linha turva (Os actores cantam!)*,

1999 (Jeff Cohen, Luís Madureira, Isabel Lopes, Luísa Cruz, Jorge Vasques, António Durães, João Reis, Emília Silvestre, Samuel Cabral, Lígia Roque, Nel Garcia e Marcello Urgeghe).

7 > *Piano Forte: Para Chopin*, 1999 (Pedro Burmester).

8 > *Para Garrett: Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, 1999

(Jorge Vasques, Fernando Moreira, Lígia Roque, Emília Silvestre e Carlos Gomes).

9 | 10 > *Madame*, de Maria Velho da Costa, 2000

(9 > Eunice Muñoz, Afonso Malão e Eva Wilma; 10 > Eva Wilma)

11 | 12 > *Arranha-céus*, de Jacinto Lucas Pires, 1999

(12 > Alberto Magassela e João Reis).

13 | 14 > *As lições*,

a partir de Ionesco, 1998

(13 > Micaela Cardoso e João Reis;

14 > Paulo Castro, Emília Silvestre, João Reis e Micaela Cardoso).

15 | 16 | 17 | 18 | 19 > *Noite de Reis*,

de William Shakespeare, 1998

(15 > Lígia Roque, Alberto Magassela, Adriano Luz, João Reis, Miguel Guilherme e António Feio;

16 > António Feio e Micaela Cardoso;

17 > Hugo Calhim Cristóvão, Micaela Cardoso,

João Miguel Mota, Manuela Ferreira, Cláudia Cadima ou Emília Silvestre, Lígia Roque e Sílvia Magalhães;

18 > Emília Silvestre, Nuno M. Cardoso, Micaela Cardoso e António Durães;

19 > João Reis).

20 | 21 | 22 | 23 > *Castro*,

de António Ferreira, 2003

(20 > Isabel de Castro e Maria de Medeiros;

21 > Emília Silvestre, Isabel de Castro e Maria de Medeiros;

22 > António Durães;

23 > João Pedro Vaz e Nicolau Pais).

24 | 25 | 26 | 27 > *um Hamlet a mais*, 2003

(24 > Pedro Almendra, Pedro Giestas,

João Reis e Luísa Cruz;

25 > António Durães, Luísa Cruz, Nicolau Pais,

Pedro Giestas, Pedro Almendra e João Reis;

26 > João Reis;

27 > Luísa Cruz e João Reis).

28 > *Sondai-me! Sondheim*, 2003

(Luísa Cruz).

29 > *UBUs*, 2005

(Emília Silvestre, Lígia Roque e Micaela Cardoso).

30 > *Figurantes*, 2004

(Emília Silvestre, Micaela Cardoso, Luísa Cruz, Nuno M. Cardoso, Pedro Almendra, António Durães e João Reis).

31 | 32 > *D. João*, 2006

(31 > Hugo Pontes, José Eduardo Silva, Carlos Piçarra Alves, Joana Manuel e Pedro Almendra; 32 > Carlos Piçarra Alves e Hugo Pontes).

33 > *Frei Luís de Sousa: Leituras encenadas*, 2006

(Bernardo Sasseti, Paulo Freixinho, Marta Freitas e Lígia Roque).

34 | 35 | 36 > *O saque*, 2006

(34 > Lígia Roque e Paulo Freixinho;

35 > Jorge Mota, Pedro Almendra, José Eduardo Silva e Paulo Freixinho;

36 > Paulo Freixinho, Hugo Pontes e Lígia Roque).

37 > *Turismo infinito*, 2007

(Emília Silvestre, Luís Araújo, João Reis e José Eduardo Silva).

38 | 39 > *O Mercador de Veneza*, 2008

(38 > Micaela Cardoso e Lígia Roque;

39 > Albano Jerónimo e Pedro Frias).









13



14



15



16



17



18



19



20



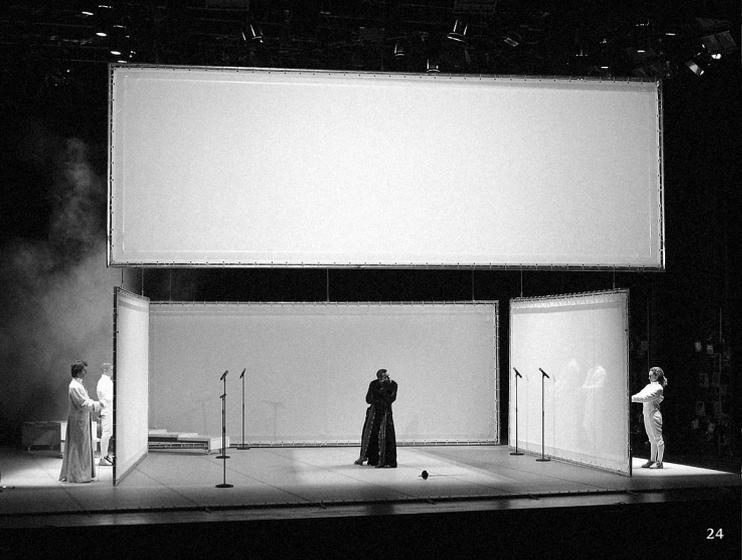
21



22



23



24



25



26



27







